

COSMO LITTERARIO

Anno I

Redactor M. A. Major

N. 6

Parte Litteraria

CONCEPÇÕES E PHANTASIAS

PAGINA SEXTA

Almeida Garrett

A' J. T. Pires Vilella.

O homem é o oriente do Creador e da creatura; na vida semelhante as plantas, nos sentidos igual aos animaes, no entendimento companheiro dos anjos quasi um segundo Deus.

PADRE ANTONIO DE SÁ.

A historia da humanidade tem évenos bem lindos e narrações bem agradaveis: évenos que nos recordão um passado de vividas e langues rozas e mais das vezes extinctas e murchas pelo noto, narrações suaves, e melancolicas como essas aureas ficções deslizando-se na grenha das florestas, que nos arrancando do estreito circulo d'essa argila material elevão-nos ás vaporosas regiões do idealismo, aonde fulvas nuvens divagão em ceos purpurinos, e aonde alvares vagos, frouxos brilhantes, despontam como atalaias; évenos prodigiosos ante os quaes estacão-se as faculdades da intellectualidade, que attornitas procurão revolvendo os colossaes tropheos e as seculares ruinas d'esse gigantesco preterito, encontrar a chave d'esses enigmaticos acaecimentos, e narrações tão estupendas que fazem o espirito esboroar-se por despenhadeiros infindos ou em adejos sublimados esvoaçar até ao indefinito; uns e outros valentes pedestaes predestinados a perdurar atravez dos ven-

davaes para estampar na mente das gerações novas o bello e o sublime das civilisações preteritas, o horror e o ápice da corrupção dos reinos d'outr'ora; porisso é que o presente pára ante as ruinas e encostado á seu bordão de peregrino examina os restos architectonicos da arte, investiga essas camadas sedementarias e olhando para esses verdes-negros ciprestes, que o septentrião rumorejando açouta e frange seus debeis troncos, para esses arbustos que rebentão por entre os pilares d'uma velha mesquita ou por entre os arcos ponteagudos d'um castello gothico; leva indistinctamente a dextra aos olhos e enxuga essa lagrima, que desliza-se serena e triste; por isso que o futuro ergue pouco a pouco seus véos e deixando entrever as delicias d'um goso sem êmulo, e prazeres sem-iguaes encanta-nos com ficções rissonhas e com esperanças ternas como as açucenas dos valles e bellas como cheirosas violetas, e se o preterito se nos revela em ruinas, em évenos e narrações, se no presente antecipa-se os viçosos louros e os anademas auri-fulgentes — é sem duvida porque a humanidade progride — é porque o futuro não será ficção ou sombra phantastica; porém realidade.

D'esta asserção convencerão-se muitos e Garrett foi um d'elles.

O velho Portugal — cujos louros murchos são documentos d'essas façanhas gigantescas — teve o seu seculo de glorias: Houve um tempo em que o mundo serviu-lhe de livro, em cujas paginas escreveu-se sua historia, houve um tempo de valor e brios, onde o arnez dos Albuquerque luzia como phanal que guia ao náuta, que em curvo lenho sulca salgados campos, houve tempo de gloriosas reminiscencias, em que tomou-se Ceuta, Tanger e Arzila, em que descobriu-se o reino de Congo, abriu-se a estrada da India, dobrou-se o cabo da Boa-Esperança e descobriu-se o Brazil; porém Portugal — que fora um gi-

Os Miseraveis verdadeiros

Romance original

DE

Manoel Antonio Major

PARTE PRIMEIRA

III

A physionomia também engana.

(Continuação do numero antecedente)

— Quem está com a Duqueza?

Um silencio seguiu essas palavras, e eu prosegui:

— Na carteira tens duzentos mil rublos se fallares a verdade; do contrario morres!

Ouvindo o meu tom, o porteiro dispoz-se a fallar a verdade, contou-me que desde o momenro do meu casamento eu tivera um rival, e que esse rival frequentava minha habitação durante a continua ausencia minha, que minha infame esposa tivera dous filhos, que morrerão, que emfim era o Czar esse temivel rival.

Sahi do quarto doudo, corri ao aposento de minha esposa, encontrei-a

lendo, e sem mais preambulos matei-a do mesmo modo, que ella matara-me á honra, fugi e fugi como um endemoninhado, fui ao palacio imperial e em um accesso de furia insultei o Czar, fui preso e ia ser fusilado para ser o ludibrio d'essa nobreza, que ria-se de minha honra e d'esse povo bruto como um asno; porém pude fugir, metti-me entre os soldados e sahi d'esse exercito para ter com Vossa Magestade; porque desejo vingar-me o desejo morrer, e quiçá que os cicatrizes ganhas nas fileiras de Vossa Magestade lavem a macula hedionda, que um imperador lançou em meus braços.

E assim fallando o russo tornou-se pallido e livido; o imperador escutára-o com attenção, e estudando a physionomia que Lavater apresenta como fórma exterior da alma, e que Rousseau demonstra comb infallivel em pesquisar o interno, foi enganado: porque o general que frustrara os planos estupendos, o imperador victorioso e o Napoleão, que como geometra calcula, como genio preve e medita, não podéra descobrir o que aliás a franqueza da linguagem encobria.

Assim é tudo: ás vezes a astuta andorinha foge em hypocritos adejos ao açor intrepido, e o insecto occulta-se nas entranhas da terra; mas esse russo não era andorinha, porém o prototypo escandaloso do vicio. Nascido em Namur de paes honrados e burguezes, foi enviado á Paris onde estudou sciencias e vicios, latrocínios e theorias, a ponto de fugir como moedeiro falso, vagabundou, como um Judeu Errante, tirando o direito

gante principiou a soffrer dos alicerces — o gigante vacillou, não pôde supportar o peso das armaduras, sentou-se em tombada pedra e como uma luz que *crepita, afrouxa, bruxuleia e morre*, chegou-lhe também a idade de velhice — eil-o prostrado — seus gemidos perdem-se: são como os rugidos do velho leão da phabula; contudo se as espadas dos vencedores de Ormuz, Malacca, Goa e Cambaya enferrujarão-se, se seus brios e heroicos feitos passam talvez como phabulas ou contos, que nos narrão para acalantar no berço — ainda entre tantos tropheos subsistem heroicos e sublimados louros que não murchão; não fallaremos dos membros do Parnazo, nem em Camões que dormita em ignoto sepulchro, ignoto sepulchro não diremos; porque quando perguntar-se aonde repousão os ossos do CANTOR DOS LUSIADAS responder-se-ha que em o solo lusitano, iremos fallar de Garrett.

Garção, Quita e Diniz brillão na primeira *Arcadia*, na segunda: Bocage e José Agostinho de Macedo — ahi a *escola archaica* encontrou um chefe em FRANCISCO MANOEL DO NASCIMENTO (*Philinto Elysio*), e a *franceza* á Bocage (*Elmano*) por isso *philintistas* e *elmanistas* serão como clangores de marcial clarim inculcando valor nos corações, e quem abrirão as portas do Pindo — onde o caixeiro da casa dos Lafittes, com as vestes patriarchaes e tendo nos pés as çapatas luzentes de sua dignidade devia celebrar nas aras do templo magestoso a suprema inauguração da *escola romantica portugueza*, deixar nas arcas, onde dormitão as produções dos cantores do Tejo, do Lima e Mondego — UM POEMA, e escrever, no kaleidoscopo, o seguinte nome: JOÃO BAPTISTA DA SILVA LEITÃO D'ALMEIDA GARRETT; n'esta epocha em que a oriflamma hasteava-se altaneira nas mãos de Chateaubriand, Lamartine, Victor Hugo, Manzoni, Foscolo, Schiller, Goethe, Byron e Martinez de la Rosa viu litteratura mais um filho, cujo talento é na terra qual dourada nuvem em azulado céu, qual brilhante Diana reflectindo-se nas aguas mansas e crystallinas d'esse Tejo de crystal, cujos cantores são numerosos como ledos bandos de rolas esvoaçando nos campanarios — Admirador de Philinto Elysio em *D. Branca*, sonoro bardo na *Adosinda*,

com o *Auto de Gil Vicente* quebra os ferrolhos que trancavão as portas do theatro luso, com a *Merope* da-lhe força, e, com o *Frei Luiz de Souza*, gloria; Rebello da Silva denomina Garrett: *uma litteratura*, Lopes de Mendonça: *uma nacionalidade*, e nós: *o brado energico de um povo sacudindo o pesado jugo do gongorismo e quebrando os grilhões com que nos manietava a escola classica*,

Garrett, divagando pelas fulvas praias das regiões do meio dia vestidas de verdes salgueiraes, traz-nos a mente essas vozes occultas, magneticas, melodiosas e puras, cadentes e sublimas que nos exasiando parece envolver-nos em os véos do idealismo; e se a zagala e as garrules hyrêres espanejando e mirando-se nas caudalosas agoas do Amazonas servem de assumpto para os canticos de nossos poetas, se os indigenas e suas crenças formão os versos de nossos bardos; as ficções do christianismo, as usanças patrias, costumes e brios proprios de remotas epochas são outros tantos motivos para a lyra de Garret dedilhar-se altaneira e sublime, e vejamos quando elle em *D. Branca* rompe hostilidades com o paganismo e como exprime-se ativo e harmonioso:

« Gentil religião, teu culto abjuro
« Tuas aras profanas renuncio;
« Professei outra fé, sigo outro rio
« E para novo altar, meus hymnos canto;
«
« Disse adeus ás ficções do paganismo.
« E christão vate christãos versos faço. »

E até n'essas poucas palavras de Frei-Gil a D. Affonso o Bolonhez conhece-se o poderio e a influencia do clero d'então.

« Que sois vós outros,
Reis da terra, que fôra o vosso throno.
Sem, o amparo, do altar! Vai perguntal-o
A' campá de Toledo e aos deshonrados
Ossos de teu irmão.

Em *Camões* o critico divisa o estylo puro, a imagem simples e propria e o verso harmonioso, e, como *poema lyrico*, diz Rebello da Silva, *poucos haverá que o eguallem*; em *D. Branca* o poeta canta o amor que floresce, os brios e heroicos feitos da cavallaria, patentêa a vida com as suas crenças mais

de um trabuco ou punhal, ou enganando com maviosos trinados aos incautos, e, na vesperta da acção de Smolensks, acabava de cumprir uma sentença e depois de achar-se assaz carregado de despojos, retirou-se para uma velha taverna, onde lia-se em inglez a epigrapha seguinte: — *Tall an inn* — fez um signal obliquo á uma especie de homem envolto em trajes immundos e subiu os tortuosos degrãos de uma trapeira e achando-se em um espaço, que o mesmo quadrupede recusaria para morada, acendeu uma vela e despejou no chão sebento o resultado de sua rapina, examinando os rélogios, anneis, luizes, soldos, carteiras e papeis, e quando acabou disse:

— Agora leamos esses.

O que elle designava erão dous pergaminhos encontrados na farda do cadaver, com que tropeçara na fuga, abriu o primeiro e leu o seguinte:

« Minha Lucia

« Nas vespertas de uma batalha sob os muros de Smolensk, eu temo
« morrer e por consequencia pego na penna para quem sabe mesmo es-
« crever em ultimas linhas á ti, a quem amo e a quem amarei, apesar da
« morte e talvez da eternidade; porém é impellido por uma d'essas in-
« fluencias omnipotentes que vos declaro um segredo sepultado em meu
« coração o que só deves saber pela minha morte. Sim, minha cara Lu-
« cia, esse menino, que tu cuidas teu filho, não o é, não havia em casa
« alguém também grávida?

« — Havia: e esse alguém era Margarida tua criada?

« Duas horas antes de teres o bom successo, Margarida deu a luz o me-
« nino, e eu acabrunhado, não sei porque idéa de ferro: de continuar a
« minha raça e lustre nas armas, imaginando que se desses á luz a uma
« menina, não ficarias satisfeita; tratei com Margarida e o doutor para
« que, se tal caso dêsse-se, a troca fosse effectuada, e como sabes, o caso
« deu-se o troca effectuou-se; de maneira que o filho de Margarida é hoje
« reconhecido nosso filho perante a sociedade e tu o has coberto de ca-
« rinhos e eu de gloria e renome; emquanto a verdadeira filha acha-se
« quem sabe, na miseria e opprobrio? Só tu podes remediar o desvario
« de uma idéa, fiz isto para poupar a dôr e as lagrimas de uma es-
« posa, derramei ás de uma filha, perdoai-me.

« Vosso servo e esposo

« O marechal

« Duque de Niemen »,

O abutre; que esvoaçara sobre os cadaveres estendidos no campo, pareceu reflectir, seus olhos scintillarão com novo fulgor, e seus labios estremecêrão, elle antevia em novos horizontes tres vezes mais bellos despojos em despojos tão apreciaveis, sorriu-se como Caronte repellindo as almas na margem do Stix.

Continua.

ou menos supersticiosas, mais ou menos proprias e convenientes a taes éras; suas *phabulas* revelão-nos um amante de Juvenal tendo nos labios o sorriso de Horacio — é um imitador ou antes um rival de Tolentino e Gregorio de Maltos, nos *contos* um Deccameron popular e nos *sonetos* um desafio ás poesias piegas de insulsos poetas que vagabundão pelos desertos e praças de Portugal e Brazil, um desafio formal á estonteados plagiadores que na Lyzia e no Brazil divagam censurando e criticando — coitados — do que não entendem e mesmo do que não veem.

Garrett, se não fosse um poeta, seria um SEMI-DEUS.

Feliz patria de Camões eu te saúdo, ese o salve surdo do filho das brasileiras plagas escoando-se por entre as regiões do espaço, desferindo-se pelos cyclos da distancia chegar á teus ouvidos — recebe-o porque symbolisa senão um brado ou grito de geração nova, que despindo-se das trevozas vestes do estacionalismo corre apressada ás armas e procura ávida as almenaras do progresso, symbolisa porém a voz fraca d'um conviva dos festins da intelligencia — que com o auxilio do luminoso pharol de GARRETT e de seu imitador e discipulo A. Herculano vae transitando pelas arcarias de espinhosos antros em procura do preterito, atravessando os vallados e saltando negros e escuros abysmos em busca do futuro; recebei, ó manes inclytos, as expressões de gratidão d'aquelle que encontra o passado dormitando á sombra das gloriosas ruinas de seus capiteis formosos e de suas quebradas ogivas de architecturas remotas e o futuro embalando-se por entre os anademas de langues sensitivas eternamente viçosas, de luzes proficuamente irradiantes e de gosos superabundantemente infinitos, onde entre a harmonia dos alaúdes divinos e dos sanctos meneis e psalterios endeosa-se GARRETT como um d'esses homens, cuja missão a philosophia sanctifica e a religião escreve em as laudas de seus calendarios.

Major. ✓

Parte Recreativa

Temos sob os olhos o n° 11 da *Revista Mensal* da sociedade Ensaios Litterarios e depois de lermos os artigos n'ella contidos, não podemos esquivar-nos de dizer alguma cousa: Ha bellos escriptos e poesias ao lado de alguns outros bem insulsos; porém o que na verdade está *maravilhosa* pela multidão de palavras sem nexo, heresias, vocabulos perdidos e pensamentos infimos é a *Chronica*, apezar do Sr. chronista pavonear-se do grandioso encargo de que se acha revestido, signal evidente de sua apoucada mestria e no entanto quer zurzir na pobre humanidade, que atara taes gralhas.

Principia vociferando contra as procissões e conclue sua laidinha com o estolido argumento, que bem nos convence que S. S. desconhece as regras da logica, « As festas da igreja celebrem-se na igreja » além d'isto S. S. bastante ignorante em materias concernentes ao dogma e disciplina do Christianismo, não póde attingir aquillo que está mui acima de sua orbita, e para S. S. uma procissão é *singularidade*, é *luxo*; um estylo ou programma é hyperbole e mythologia (cousas ignotas para

o chronista), e para ostentar-se manda ao auctor da *Ninhada de meu Sogro* e *Oh!* estudar, quando o Sr. Dr. Augusto de Castro podia dar lições a S. S. de muita cousa que ainda ignora; e finalmente quando S. S. dando noticias e arvorando-se em critico (*miserabile visu!*) tropeça, escorrega e balbucia ouvindo-se sons inarticulados como gemidos do celebre *Mons parturiens*, é até atrasado em suas noticias fallando sobre afamados partidos que, (para bem da verdade diga-se tudo) á excepção de um só, não existem, visto terem-se retirado d'essa arena, de que S. S. é amantetico.

Consta-nos que sahe hoje o primeiro numero de um jornal litterario, a quem desejamos prospera viagem, enviamos-lhe nossas felicitações afim de que suspire as difficuldades e possa um dia galhardo patentear-se sobranceiro ás inconstancias do seculo.

Dr. Sagittario.

Parte Poetica

A aldeã.

No album do Sr. Antonio José de Souza.

Sou feliz e ditosa, n'aldêa
Sou chamada — formosa aldeã,
As vizinhas, matronas e moças
Todas ellas me chamão de irmã,
Passo vida folgada e contente
— *É mui bom ser a gente aldeã*

Quando a aurora raiando lá vem
No horisonte de côr de romã,
Me levanto do leito, e acoberto
Meu corpinho co'a saia de lã,
E p'ra os campos eu corro dizendo:
— *É mui bom ser a gente aldeã.*

E sentada no cimo dos montes
Vejo alegre a aurora nascer,
Vejo a entrada soberba e risonha
Do ardente e dourado Titan;
Fico alegre inda mais, e murmuro:
— *É mui bom ser a gente aldeã*

Depois levo meu gado a pastar
Nos meus campos que grandes que são,
E sentada no outeiro vizinho
Eu converso com o meu coração,
Perguntando: — que é feito do meu
Muito amado Joaquim aldeão?

Chega a noute. Na choça vizinha
Eu escuto um fadinho soar,
Bato á porta, lá vem a matrona
Mui risonha me diz: — « Póde entrar »
E cantigas d'aldêa — bonitas
A' porfia eu ahí vou cantar

Quando todos cançados já'stão
De cantar, e a noute se avança,
Faz-se rodas de quatro e de seis,
E quem chega por fim, rompe a dança;
Finda ella, as mocinhas conversão,
E os moços encher vão a pança.

Quando chega o domingo que bello!
Que ventura p'ra meu coração!
Ponho lenço engommado ao pescoço
Vou co'as outras á missa e oração
Não ha vida melhor que d'aldêa,
E quem ha que dizer possa — não?

Não invejo as senhoras da corte,
Nem invejo da corte o prazer,
No meu collo de pobre aldeã,
Eu não quero brilhantes trazer;
Quero andar pobremente vestida,
Quero apenas n'aldêa viver.

Gualberto Pecanha.

Desalento.

Eu deixo a vida como deixo o tédio
Do deserto, o poento caminheiro;
Como as horas de um longo pesadello
Que se desfaz aos dobres de um sineiro.

A. DE AZEVEDO.

I.

Como o pobre ancião enfastiado
De vêr do mundo as miseraveis tramas,
Eu, mancebo de poucas primaveras,
Me despeço da vida e dos seus dramas.
Abandono, cantando, este theatro
Em que o minimo fui d'entre os actores...
Não me pesa o deixar tão cedo a vida,
Como viver cercado de amargores.
Não deixo um só affecto; á minha campa
Ninguém virá verter amigo pranto;
Talvez que nem a lua venha á noite
Em meu leito estender seu niveo manto.

II.

Talvez que a mão fatal da desventura
Inda mesmo cadaver me persiga,
Talvez que o fado máo que me tortura
Penetrar no meu tumulto consiga...
Deste mundo fallaz e libertino
Eu me vou sem deixar uma saudade!
Que assim deve seguir o peregrino
Que do deserto passa á eternidade!...
Adeus, sonhos de amor... Da juventude
Adeus, floridos sonhos de bonança!...
Adeus, pallida filha da virtude,
Que de amor me negaste a esperança!

III.

Eu morro sob o céu da minha patria
Como o pobre proscripto em sólo estranho,

Como a ovelha que em árida campina
Expira desviada do rebanho;
Ou como em noite de horrida tormenta
A ponta de um charuto em erma estrada,
Que pelo taciturno caminheiro
Em mortuarias horas é pisada.

Anjo do céu que tanto amei na terra,
Que se me desses amor inda eu vivêra,
Adeus! — inda te digo, embora saiba
Que comigo não hasde gastar cêra!

Como o pobre ancião farto de vida,
Do mundo me despeço á flôr da idade;
Que assim deve morrer o peregrino
Que se definha ás trevas d'orphanidade.

Dr. F. N.

Escuta

À ***

Na hora em que Phebo, no vasto horizonte
S'esconde, brincando, no espaço a rolar,
A virgem da noite de pallida fronte
Se espelha faceira nas agoas do mar.

E a onda gemendo, na arêa de prata,
Deslisa-se mansa, recua medrosa
Voltando de novo comsigo arrebatada
As lindas conchinhas de côr tão formosa.

Saiamos da praia; busquemos perfumes,
Das rosas, dos cravos, dos alvos jasmims,
Das flôres ó virgem não tenhas ciúmes,
Tu és o meu anjo « são meus cherubins. »

E a brisa que passa, brincando co'as flores,
Nos traz odorantes perfumes do céu;
E junto contigo deliro de amores,
Verdade sublime que nunca traz véo.

Gentil violeta que occultas nas folhas,
Modesta belleza, perfume odorante,
Se á sombra vicejas não quero que colhas
Das pompas do mundo valor degradante.

O' lyrio tão alvo! não manches brincando,
Ao sopro da brisa, a côr da pureza;
Não busques as salas; que o prato adornando
Viçoso tu vives, não tens impureza.

E tu borboleta, que adejas brincando
Evita o menino que busca-te achar;
Tranquilla nos prados, as flores sugando
Não crestes as asas, não soffres pesar.

O lyrio, a violeta és tu minha amante,
E segue os conselhos que o Vate te dá;
São phrases que um dia soltou delirante...
Verdade mais pura de certo não há.

Alvarenga Netto.